

Um olhar para o futuro

Práticas ESG redefinem estratégias
em um cenário de economia verde

The EY logo is positioned in the bottom right corner of the image. It consists of the letters 'EY' in a bold, white, sans-serif font. A yellow triangle is placed above the 'Y'.

Shape the future
with confidence



Sumário

Reduzindo o gap	3
Soluções paliativas não resolvem	5
Fatos e tendências em sustentabilidade	9
Brasil e a liderança energética global	11
Conexões resilientes	13
Agricultura de Baixo Carbono no Brasil	15
Resíduos que geram valor	19
Natureza inspira transformação	21

Reduzindo o gap

Conselhos e C-Level têm papel fundamental para que metas de sustentabilidade se transformem em ações

Vivemos em um momento crítico da história da humanidade, onde a urgência por ações sustentáveis nunca foi tão evidente. O aumento das temperaturas globais, a perda acelerada da biodiversidade e a crescente frequência de eventos climáticos extremos são sinais claros de que o planeta está em crise. De acordo com o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), as emissões de gases de efeito estufa precisam ser reduzidas em 45% até 2030 para limitar o aquecimento global a 1,5°C acima dos níveis pré-industriais. No entanto, as metas estabelecidas até agora não são suficientes; é imperativo que essas metas se transformem em ações concretas e imediatas. Embora muitas empresas tenham alcançado avanços iniciais em sustentabilidade, um grande número ainda enfrenta dificuldades para alinhar suas ambições aos resultados esperados. Não conseguem incorporar a sustentabilidade ao núcleo de suas práticas empresariais. Conforme o estudo EY Sustainability Study, a escala das transformações necessárias tem sobrecarregado os líderes, dificultando o avanço.

Os conselhos de administração têm um papel essencial para fechar o gap entre metas e entregas de sustentabilidade. Esse papel é ainda mais relevante considerando que, nos últimos anos, houve uma transição no foco dos stakeholders: de declarações de metas para a entrega de resultados concretos. Qualquer dissonância entre o discurso e a prática pode levar a acusações de greenwashing. Diante disso, desafios econômicos, sistêmicos e geopolíticos têm levado muitas empresas a reduzir suas metas e adiar prazos.

Em entrevistas realizados pela EY com Chief Financial Officers (CFOs), Chief Sustainability Officers (CSOs) e integrantes de conselhos de administração - a chamada "tríade da sustentabilidade" - destacaram lições-chave para promover a colaboração interfuncional e características interdependentes essenciais para que conselhos e gestores impulsionem resultados sustentáveis. Entre essas lições estão:

- **Quebra de silos:** Estratégias e métricas precisam ser co-criadas por todas as funções, unidades de negócio e geografias. A sustentabilidade deve estar presente em todos os comitês de governança, garantindo uma visão abrangente e integrada.
- **Empatia e escuta:** Os executivos devem compreender as perspectivas uns dos outros sobre sustentabilidade, criando uma linguagem comum e considerando diferentes visões para alcançar objetivos alinhados.
- **Narrativa autêntica:** Contar histórias autênticas, alinhadas ao propósito organizacional, é essencial para engajar stakeholders internos e externos. Uma narrativa bem elaborada conecta estratégia e ação, inspirando confiança e alinhamento.
- **Colaboração em rede:** Trabalhar de forma integrada com parceiros e outras organizações é mais eficaz do que esforços isolados, acelerando as mudanças necessárias.

A pesquisa incluiu entrevistas com 520 executivos de empresas que já atingiram um nível básico de maturidade em sustentabilidade. Esses participantes representam organizações que iniciaram sua jornada climática. Além disso, foram conduzidas entrevistas detalhadas com líderes de sustentabilidade em sete empresas de seis setores distintos, abrangendo diferentes tamanhos, geografias e mercados. A abordagem combinou análises quantitativas e qualitativas para oferecer insights profundos sobre como as empresas podem transformar ambições em ações concretas. Apesar de desafios como pressões econômicas e políticas, empresas que apostam em integração estratégica, liderança comprometida e uso de tecnologia avançada conseguem não apenas cumprir metas climáticas, mas também gerar valor sustentável e diferenciado para seus negócios.

Este texto é baseado em artigo de Amy Brachio, EY Global Vice Chair - Sustainability, e Sharon Sutherland, EY Global Center for Board Matters Leader

“

Contar histórias autênticas é essencial para engajar stakeholders?”

AMY BRACHIO
EY GLOBAL VICE CHAIR

Recomendações para os conselhos

Para colocar a sustentabilidade no centro de uma estratégia de crescimento resiliente, a EY sugere cinco ações-chave:

- ✔ **Foco na criação de valor sustentável:** Sustentabilidade deve ser vista como um motor de valor a longo prazo.
- ✔ **Nomeação de líderes transformacionais:** Garantir líderes comprometidos e visionários na área de sustentabilidade.
- ✔ **Uso estratégico de regulamentações:** Encarar regulações como oportunidades para promover melhorias.
- ✔ **Compromisso com colaboração:** Incentivar parcerias e alinhamento interfuncional.
- ✔ **Aproveitamento de dados e tecnologia:** Utilizar ferramentas tecnológicas para monitorar, otimizar e acelerar progressos. Com essas medidas, os conselhos podem não apenas enfrentar os desafios atuais, mas também liderar transformações sustentáveis, promovendo impacto positivo e resiliência organizacional.

Lideranças precisam ser estratégicas para **conquistar** avanços definitivos

COP29 mostra a disparidade entre os recursos destinados à mitigação climática e o custo das reparações necessárias



Ricardo Assumpção

Sócio, líder de Sustentabilidade e ESG para a América Latina e diretor de Sustentabilidade da EY

“

O custo para lidar com os impactos das mudanças climáticas cresce exponencialmente, exigindo respostas urgentes e eficazes”

RICARDO ASSUMPÇÃO

SÓCIO, LÍDER DE SUSTENTABILIDADE E ESG PARA A AMÉRICA LATINA E DIRETOR DE SUSTENTABILIDADE DA EY

O custo para lidar com os impactos das mudanças climáticas cresce exponencialmente, exigindo respostas urgentes e eficazes. Para enfrentar esse cenário, é indispensável criar modelos que gerem capital de forma sustentável, alimentando um ciclo virtuoso de transformação. Não basta adotar soluções paliativas; é necessário repensar modelos econômicos e operacionais que mitiguem impactos e preparem sociedades e negócios para as mudanças inevitáveis.

O setor financeiro nunca teve uma responsabilidade tão grande. Além de gerenciar os riscos de portfólios, é fundamental garantir financiamentos direcionados a setores críticos. Isso não se trata apenas de sobrevivência, mas de liderar a transição para um futuro mais sustentável. Essa liderança exige decisões estratégicas que integrem inovação, investimento e impacto social em uma escala sem precedentes.

Na COP29, realizada em Baku, ficou evidente a disparidade entre os recursos destinados à mitigação climática e o custo projetado das adaptações necessárias.



Com um PIB global de cerca de 100 trilhões de dólares, investir apenas 300 bilhões de dólares por ano até 2035 para combater uma crise que pode comprometer até 18% da economia mundial em 2040 reflete um descompasso preocupante. A transição para uma economia de baixo carbono, cujo custo é estimado entre 250 e 300 trilhões de dólares até 2050, requer planejamento rigoroso e colaboração entre governos e o setor privado.

Os números revelam um paradoxo. Apesar de parecerem significativos, os investimentos atuais em soluções climáticas são insuficientes frente às demandas reais. Isso aponta um viés de alocação que privilegia paliativos em vez de transformações sistêmicas. É como focar na instalação de catalisadores em automóveis sem abordar a necessidade de reinventar motores e combustíveis.

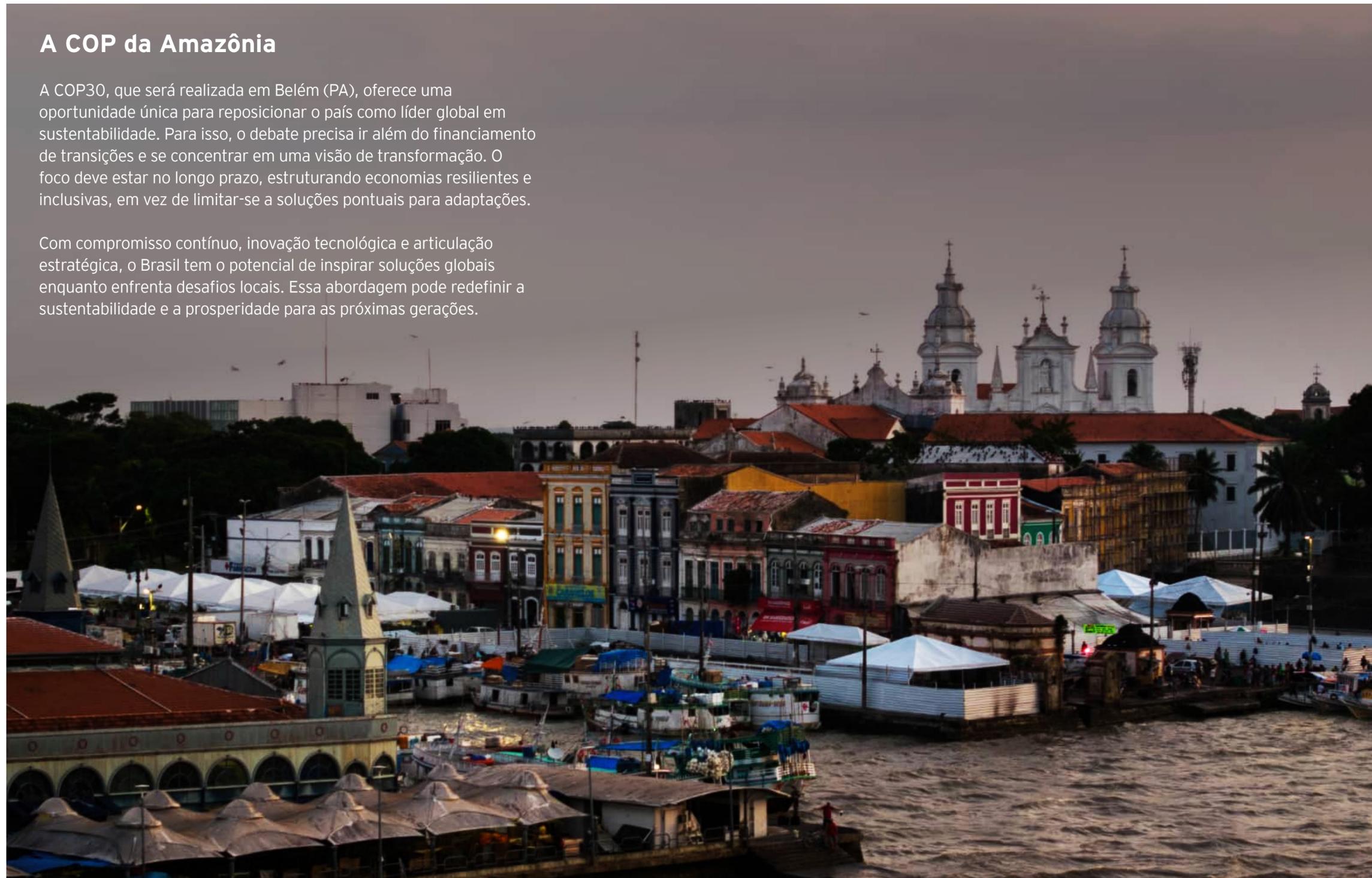
Setores de alto impacto, como energia e agroindústria, emergem como prioridades. A combinação de recursos naturais abundantes e tecnologias emergentes nesses setores pode gerar retornos sociais e ambientais significativos. No entanto, a transição requer superar a desarticulação entre políticas públicas, mercado financeiro e iniciativas empresariais.

Nesse contexto, o papel de articuladores, como a EY, torna-se fundamental. Integramos análises setoriais, métricas ESG, tecnologia e estratégias para desenvolver soluções alinhadas às demandas globais e locais. Iniciativas como o Nature Hub (ver mais na página 22) e nosso trabalho na Vale, no case Waste to Value, mostram que, quando combinados com inovação e governança, os recursos naturais podem se transformar em uma poderosa alavanca para a descarbonização.

A COP da Amazônia

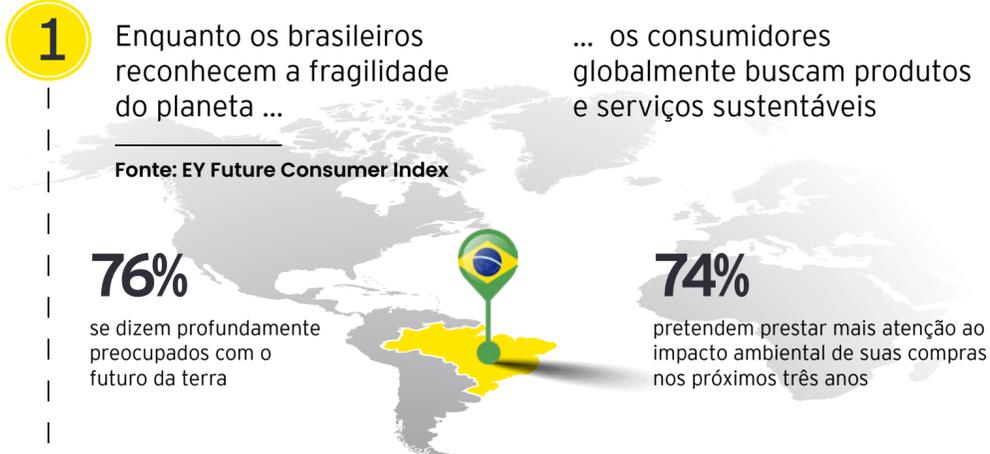
A COP30, que será realizada em Belém (PA), oferece uma oportunidade única para reposicionar o país como líder global em sustentabilidade. Para isso, o debate precisa ir além do financiamento de transições e se concentrar em uma visão de transformação. O foco deve estar no longo prazo, estruturando economias resilientes e inclusivas, em vez de limitar-se a soluções pontuais para adaptações.

Com compromisso contínuo, inovação tecnológica e articulação estratégica, o Brasil tem o potencial de inspirar soluções globais enquanto enfrenta desafios locais. Essa abordagem pode redefinir a sustentabilidade e a prosperidade para as próximas gerações.

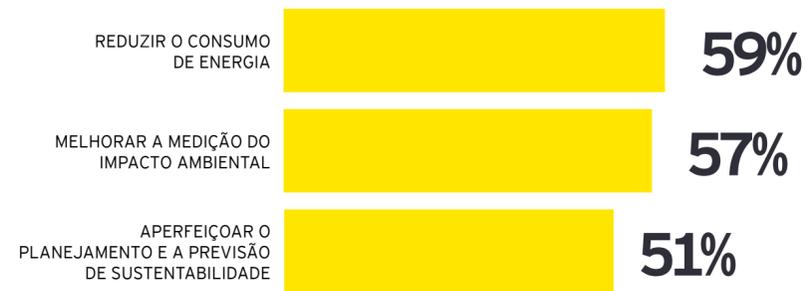


Fatos e tendências em sustentabilidade

Pesquisas EY apresentam um retrato das demandas dos consumidores e os desafios para as empresas atendê-las

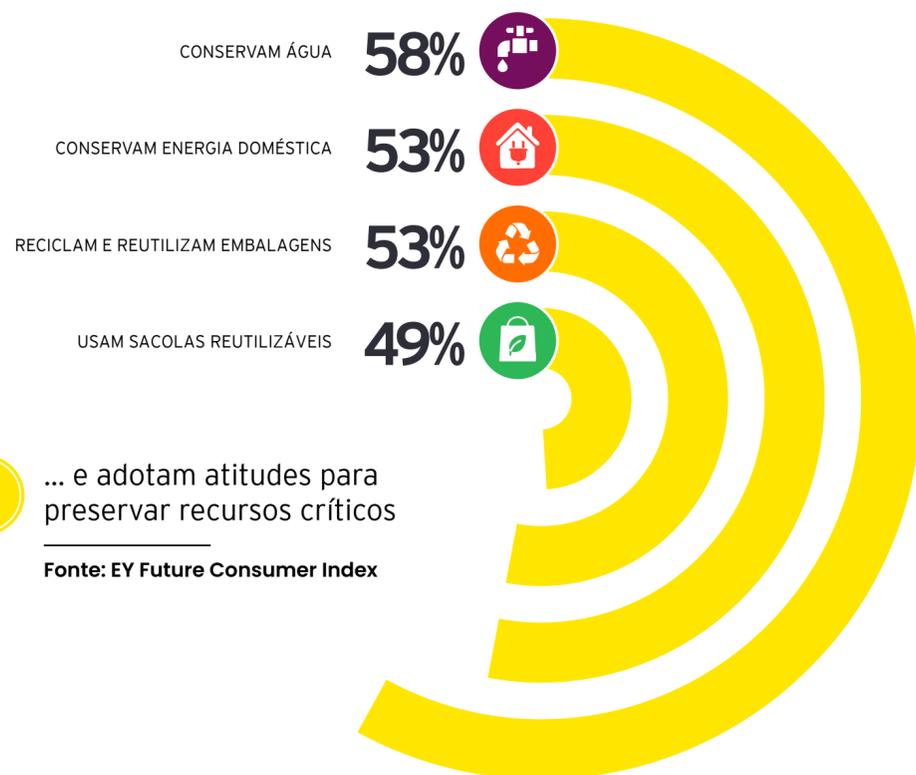


4 Há o entendimento de que as tecnologias emergentes são importantes para:



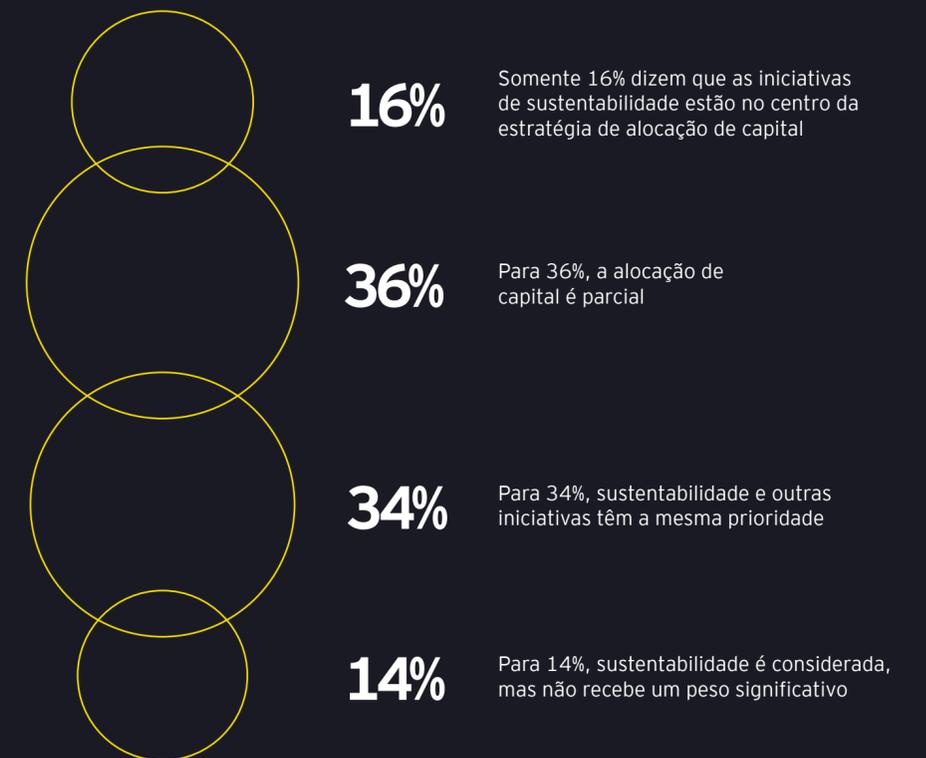
2 ... e adotam atitudes para preservar recursos críticos

Fonte: EY Future Consumer Index



5 O grande desafio para avançar neste tema reside na alocação de capital às iniciativas de sustentabilidade

Fonte: Sustainable Value Study 2023



O lado bom é que **100%** das empresas **DE ALGUMA FORMA** consideram a sustentabilidade na alocação de recursos

Fonte: Sustainable Value Study 2023

O Brasil e a liderança energética global

Desafios estruturais e maior consumo demandam um esforço coordenado para que o país aproveite plenamente suas vantagens estratégicas



Elanne Almeida

Sócia da EY e especialista em sustentabilidade, com ampla experiência em estratégias corporativas voltadas para governança, riscos climáticos e transição energética

O Brasil atravessa um momento decisivo em sua jornada de transição energética, marcado por uma combinação única de oportunidades e desafios. Embora 80% de sua matriz energética já sejam renováveis, fatores como o crescimento econômico, a urbanização e os avanços tecnológicos devem elevar a demanda e o consumo médio anual em 3,4% nos próximos anos, conforme dados do Ministério de Minas e Energia e da Empresa de Pesquisa Energética (EPE). Nesse cenário, desafios estruturais e sociais precisam ser enfrentados com urgência.

Desafios estruturais

A geração, transmissão e distribuição de energia no Brasil enfrentam desafios significativos, incluindo os impactos das variações sazonais e das mudanças climáticas na eficiência das usinas hidrelétricas. A infraestrutura de transmissão, devido às longas distâncias, é suscetível a perdas e ineficiências, enquanto a rede de distribuição necessita de modernização. O aumento previsto de mais de quatro vezes na frota de veículos leves híbridos e elétricos em circulação até 2035,

segundo a EPE, exigirá planejamento adequado para a expansão da infraestrutura de recarga. Além disso, o modelo setorial atual apresenta complexidades que nem sempre refletem o custo real do fornecimento.

O governo brasileiro busca mitigar esses desafios com iniciativas como o Plano Nacional de Energia 2050 e o programa RenovaBio, que visa ampliar a produção e o uso de biocombustíveis, contribuindo para a redução das emissões de gases de efeito estufa.

Desafios sociais

A transição energética no Brasil também enfrenta desafios sociais. É essencial garantir que o processo seja justo e proteja populações vulneráveis dos impactos econômicos dessa transformação. A governança dos projetos de energia renovável é outro ponto crítico. Casos de green grabbing – apropriação de terras para projetos energéticos – reforçam a necessidade de maior segurança jurídica e da inclusão de comunidades locais nos processos de decisão.

“

Projetos renováveis precisam gerar benefícios compartilhados”

ELANNE ALMEIDA

SÓCIA DA EY E ESPECIALISTA EM SUSTENTABILIDADE

Próximos passos

Em 2025, espera-se uma intensificação das iniciativas relacionadas à sustentabilidade, especialmente em antecipação à realização da COP30 no Brasil. Um exemplo disso é a adoção das normas IFRS S1 e S2 pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM). Para muitas empresas brasileiras, a transição energética será desafiadora, mas inadiável. Organizações que se adaptarem rapidamente poderão obter vantagens como maior acesso a capital, mercados internacionais e uma reputação fortalecida em um cenário onde critérios ESG são cada vez mais determinantes.

O Brasil possui vantagens competitivas naturais que podem viabilizar a modernização de sua infraestrutura energética e a adoção de mecanismos para atrair novos investimentos. Nossa missão é apoiar as organizações na transformação desses avanços em estratégias alinhadas às demandas do mercado e da sociedade, promovendo um sistema energético mais eficiente, resiliente e sustentável.

Conexões resilientes

Desafios no consumo e na infraestrutura demandam um esforço coordenado para que o país aproveite plenamente suas vantagens estratégicas



Thaís Fontanello

Gerente Sênior da EY, especialista em sustentabilidade e cadeias resilientes, com mais de 10 anos de experiência na integração de ESG às estratégias e operações corporativas

“

Para que o ESG seja incorporado às práticas diárias, empresas precisam investir na formação dos colaboradores”

THAÍS FONTANELLO

GERENTE SÊNIOR DA EY, ESPECIALISTA EM SUSTENTABILIDADE E CADEIAS RESILIENTES

As cadeias de suprimentos são mais do que uma engrenagem operacional: elas conectam empresas, consumidores e comunidades. No cenário atual, marcado por crises climáticas, pressões regulatórias e expectativas crescentes da sociedade, sua transformação não é apenas desejável, mas indispensável. Resiliência e sustentabilidade deixaram de ser diferenciais para se tornarem pré-requisitos estratégicos.

Durante a COP29, em Baku, o debate sobre financiamento climático e regulamentação global do mercado de carbono reforçou a interdependência entre inovação operacional e práticas ESG (Ambientais, Sociais e de Governança). No Brasil, a evolução do ambiente jurídico, exemplificada pela norma CVM 193 – que exige a integração de relatórios de sustentabilidade aos financeiros, e foi baseada nas normas S1 e S2 da Fundação IFRS – e pela aprovação da lei número 15.042 que cria um mercado regulado de carbono no Brasil, é uma oportunidade para liderar essas mudanças.

Além das mudanças climáticas, a natureza também ganhou relevância nos negócios quando o Marco Global da Biodiversidade de 2022 estabeleceu critérios para deter e reverter a perda de biodiversidade até 2030. Na COP16 em Cali, muito se discutiu a dependência das operações empresariais com relação à biodiversidade, o que evidenciou a necessidade de iniciativas que integrem natureza à estratégia dos negócios, como o EY Nature Hub.

Transformar cadeias de suprimentos em sistemas resilientes requer um repensar profundo – tanto nos processos internos quanto nas relações com fornecedores e comunidades. Tecnologias como blockchain e IoT estão revolucionando a rastreabilidade, permitindo monitorar insumos e validar práticas sustentáveis. Em um caso recente, desenvolvemos critérios ESG para homologação de fornecedores, transformando o processo de compras em um motor de impacto positivo. Essa iniciativa conectou pequenos e médios fornecedores a cadeias complexas, promovendo diversidade e impulsionando melhorias nas comunidades onde atuam.

Resiliência, no entanto, vai além da tecnologia ou eficiência. O sucesso na adaptabilidade em momentos de crise exige

conhecimento dos possíveis cenários de acontecimentos e uma governança robusta que permita tomadas de decisão ágeis e informadas. Para atingir esse nível de maturidade de incorporação de aspectos ESG às práticas diárias é necessário começar com um aspecto crucial e frequentemente negligenciado, o letramento interno. Empresas precisam investir na formação de seus colaboradores, e grupos de afinidade e trilhas de aprendizado, como os promovidos pela EY em parceria com a Universidade HULT, são exemplos de como criar lideranças alinhadas às demandas globais.

Outro exemplo de como organizações podem engajar colaboradores em projetos que combinam impacto social e práticas sustentáveis é o EY Ripples, que financia horas dos profissionais para iniciativas como o treinamento de mulheres em comunidades vulneráveis e projetos de apoio à pesquisas científicas em universidades, mostrando que incentivar o interesse das pessoas pela sustentabilidade gera engajamento e resultados concretos para as empresas. Porém, implementar essas transformações exige superar barreiras significativas. A fragmentação interna entre as áreas corporativas com o tema da sustentabilidade, com métricas e prioridades desconectadas, é um desafio recorrente. Harmonizar essas abordagens é essencial para criar processos escaláveis e confiáveis, que atendam às regulamentações e, mais importante, gerem transformações significativas nos negócios e construam valor, credibilidade e transparência junto aos stakeholders.

Países do sul global, cujas economias historicamente dependem da exploração de recursos naturais, enfrentam o desafio de implementar tecnologias mais limpas e de financiar inovações de adaptabilidade em suas operações. Para a COP30 as expectativas são altas, com foco na integração da bioeconomia e biodiversidade às discussões climáticas. O Brasil tem a chance de se posicionar como protagonista, valorizando os diversos ativos disponíveis e liderando a transição para cadeias de suprimentos resilientes e sustentáveis em escala global. Essa é a direção do futuro – e o momento de agir é agora.

Agricultura de **Baixo Carbono** no Brasil: desafios e oportunidades para um futuro sustentável

O agronegócio brasileiro se posiciona como protagonista nas soluções para os desafios da emergência climática



Rodrigo Maluf

Sócio de Estratégia e Transações para Agronegócios

As mudanças climáticas são centrais para o futuro do agronegócio. Na COP29, em Baku, foi destacado o papel essencial do setor privado na transição para uma economia de baixo carbono. O agronegócio brasileiro, referência em sustentabilidade, emerge como protagonista nessa agenda, mas enfrenta desafios para ampliar essas práticas sustentáveis, uma vez que o setor sofre com eventos climáticos extremos, que vem pressionando a produtividade no campo. Cria-se assim uma dicotomia para o setor, uma vez que a maior incidência desses eventos climáticos extremos estrangula a capacidade do agronegócio de inovar e testar novas práticas sustentáveis, o que poderia por sua vez tornar a agricultura brasileira mais resiliente a esses cada vez mais frequentes eventos climáticos extremos.

O Brasil lidera a agricultura de baixo carbono por meio de práticas como a integração lavoura-pecuária-floresta (ILPF), plantio direto, uso de bioinsumos e tecnologia genética de ponta. Essas iniciativas contribuíram para um crescimento de mais de 100% da produtividade nos últimos 20 anos, contribuindo para uma agricultura de baixo carbono e promovendo a retenção de carbono no solo. Apesar disso, obstáculos estruturais

ainda impedem o avanço de novos avanços e adoção de tecnologias no campo, como por exemplo a conectividade limitada, com apenas 30% da área agricultável do Brasil com cobertura, além de altos custos tecnológicos impedindo a expansão de soluções como agricultura de precisão, que otimiza o uso de insumos e reduz impactos ambientais. A expansão do 5G e da internet via satélite são soluções promissoras nesse cenário, mas ainda levarão alguns anos para um ganho de escala representativo.

O subsetor de bioenergia, que utiliza culturas como a cana-de-açúcar, milho e soja, reforça o papel do agronegócio brasileiro na transição energética global, dando ao Brasil um protagonismo mundial na produção de biocombustíveis. O Brasil, com sua agricultura de alta produtividade e integração com a indústria de processamento, vem se posicionando como uma das regiões mais promissoras para suprir a crescente demanda global por biocombustíveis avançados que contribuam com a descarbonização do transporte pesado (das siglas em inglês, HVO - "óleo vegetal hidrogenado", substituto do diesel, e SAF - "combustível de aviação sustentável" - substituto do querosene fóssil).



“

Iniciativas como a expansão do mercado de carbono e o fortalecimento da governança ambiental são passos importantes para consolidar um futuro resiliente e sustentável

RODRIGO MALUF

SÓCIO DE ESTRATÉGIA E TRANSAÇÕES PARA AGRONEGÓCIOS

No entanto, cadeias como as de grãos e proteína animal enfrentam críticas no contexto global a sua contribuição ao desmatamento de florestas nativas, e os países desenvolvidos, reagindo a demanda de seus consumidores, tem avançado em regulações que exigem a rastreabilidade da carne e soja brasileira. A rastreabilidade ainda é um desafio, especialmente na cadeia de bovinos para proteína animal, uma vez que o gado costuma passar por diversas propriedades antes do abate, e a garantia da origem sustentável dos produtos traz desafios operacionais e de incremento de custos. Falhas nesse processo comprometem a conformidade ambiental e o acesso a mercados internacionais. Tecnologias como blockchain surgem como ferramentas-chave para promover transparência e segurança nas cadeias produtivas, fortalecendo a governança ambiental e reduzindo pressões geopolíticas.

Desafios na preservação

O desmatamento ilegal, aliado à baixa fiscalização, desafia o equilíbrio entre produtividade agrícola e conservação ambiental. A adoção de práticas regenerativas e sistemas integrados de produção é essencial para alinhar produtividade e preservação. Além disso, o Código Florestal estabelece marcos importantes, como a exigência de reservas legais, mas ainda enfrenta dificuldades na implementação prática.

Avanços como a regulamentação de um mercado de carbono global na COP29 podem abrir novas perspectivas para o agronegócio brasileiro. Além

disso, inovações como um mercado voluntário de créditos de biodiversidade pode valorizar os impactos positivos na conservação ambiental e podem ser um incentivo financeiro que fomente a maior adoção de práticas sustentáveis. Entretanto, a exclusão do setor agropecuário do mercado regulado no Brasil reflete desafios como a complexidade de mensurar emissões e seu eventual impacto positivo na captura de carbono no solo.

O Centro de Excelência de Agronegócios da EY combina tecnologia, inovação e sustentabilidade para oferecer soluções personalizadas ao setor. Por meio de parcerias com startups e hubs tecnológicos, suporta as empresas do agronegócio em suas jornadas de transformação para uma agricultura mais sustentável e tecnológica. Com foco em desenvolvimento de tecnologias como blockchain e inteligência artificial, o CEA é o veículo que combina as competências da EY com conhecimento de setor especializado, permitindo que as empresas possam transformar riscos em oportunidades, e diretamente contribuindo para posicionar o Brasil como líder em sustentabilidade no agronegócio. O agronegócio brasileiro tem a oportunidade de protagonizar a agenda climática global, reforçando sua atuação por meio de práticas sustentáveis e integrando tecnologias inovadoras. Embora desafios como a conectividade limitada e a fiscalização insuficiente permaneçam, iniciativas como a expansão do mercado de carbono e o fortalecimento da governança ambiental são passos importantes para consolidar um futuro resiliente e sustentável para o setor.

Resíduos que geram valor

EY trabalha com a Vale em projeto que reduz impacto ambiental, gera receita e reconhecimento dos stakeholders

A jornada rumo a uma mineração mais sustentável é um dos maiores desafios hoje para as empresas do setor, que precisam repensar toda a sua forma de atuação frente às demandas cada vez maiores da sociedade e dos governos com relação a redução dos impactos na natureza e nas comunidades locais. Com o foco no desenvolvimento da mineração circular, a EY-Parthenon liderou um trabalho com a Vale para implementar o projeto Waste to Value (W2V), uma iniciativa inovadora que está revolucionando a gestão de resíduos no setor de mineração. Este projeto identificou e aplicou soluções que reduzem a geração de resíduos e transformam parte deles em ativos de valor econômico, alinhando operações da Vale às suas metas ESG.

A gestão de resíduos é um dos maiores desafios operacionais da mineração: o acúmulo de resíduos, gera custos elevados, gargalos na operação e riscos ambientais significativos, que comprometem as metas operacionais e de sustentabilidade da empresa. Esse contexto indicava que a empresa deveria buscar inovações e fortalecer a confiança e o relacionamento com seus stakeholders, assegurando a sustentabilidade de suas operações e mantendo a sua competitividade..

O programa Waste to Value trouxe uma solução abrangente e inovadora, utilizando dados avançados e tecnologia para transformar passivos ambientais em ativos econômicos. Essa abordagem não apenas mitigou os impactos ambientais, mas também criou novas fontes de receita para a Vale, demonstrando que

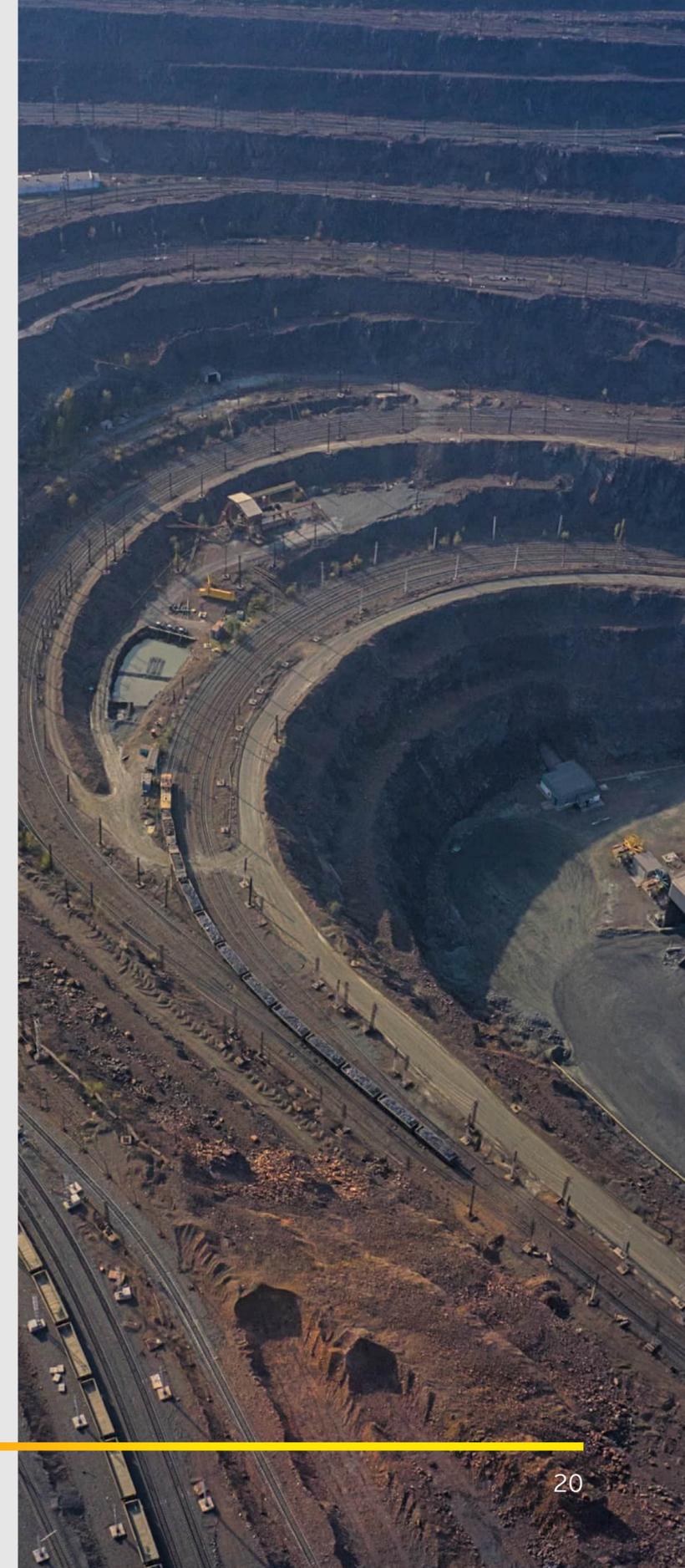
é possível alinhar sustentabilidade e resultados financeiros de maneira eficaz. A abordagem da EY-Parthenon, braço de consultoria estratégica da EY, incluiu o mapeamento de resíduos (uma análise detalhada do ciclo de vida dos resíduos para identificar gargalos e oportunidades de reutilização), tecnologia e dados (aplicação de ferramentas digitais para mensurar e otimizar os impactos ambientais e econômicos das soluções propostas) e colaboração integrada (coordenação entre equipes técnicas e estratégicas das duas empresas para garantir a implementação eficaz).

O projeto resultou em uma transformação significativa para as operações da Vale. Entre os principais resultados estão:

- **Redução do impacto ambiental:** o gerenciamento otimizado dos resíduos diminuiu a pressão sobre áreas de descarte e reduziu os riscos associados a passivos ambientais.
- **Geração de novas receitas:** resíduos que antes eram tratados como custos passaram a ser vistos como oportunidades, criando novas fontes de receita para a companhia.
- **Reconhecimento setorial:** o projeto foi amplamente reconhecido nacional e internacionalmente, em eventos como o Encontro Nacional de Tratamento de Minérios e Metalurgia Extrativa (ENTMME), o Congresso Brasileiro de Mineração (EXPOSIBRAM), e em fóruns no MIT (Massachusetts Institute of Technology) e instituições de referência como o Conselho Internacional de Mineração e Metais (ICMM), consolidando a Vale como líder em práticas sustentáveis no setor.

Além dos avanços técnicos, a gestão de comunicação foi essencial para garantir que todos os stakeholders internos e externos compreendessem os benefícios do Waste to Value. A EY desempenhou um papel ativo nessa frente, ajudando a Vale a disseminar os resultados e engajar públicos estratégicos, como comunidades locais, investidores e órgãos reguladores. A comunicação incluiu comunidades locais, trabalhadores e investidores. O W2V é hoje um modelo de colaboração bem-sucedida entre empresas e consultorias especializadas.

O Waste to Value não apenas mitigou riscos ambientais e financeiros, mas também redefiniu os paradigmas de sustentabilidade na mineração. O sucesso do projeto evidencia como parcerias estratégicas podem transformar desafios em oportunidades, criando soluções que geram valor compartilhado. A EY e a Vale mostraram que inovação e responsabilidade podem caminhar lado a lado, consolidando suas posições como referências em sustentabilidade no Brasil e no mundo.





Natureza inspira transformação

Nature Hub, iniciativa da EY, cria soluções para o desenvolvimento sustentável e para a mitigar impactos ambientais

Historicamente, a natureza foi muitas vezes vista como um obstáculo ao progresso humano, o que resultou em práticas como a destruição de florestas e o desvio de rios para abrir espaço para a urbanização e infraestrutura. No entanto, o cenário tem mudado, e a natureza está assumindo um papel central na transformação global, especialmente no contexto das metas de sustentabilidade. Os estudos disponíveis sobre transição energética indicam que cerca de 40% das soluções necessárias para alcançar a neutralidade de carbono até 2050 ainda não existem efetivamente e podem ser buscadas a partir de tecnologias disponíveis na natureza.

O conceito de capital natural, que envolve integrar os recursos naturais nas estratégias corporativas, oferece uma oportunidade única para empresas alinharem seus objetivos de sustentabilidade com o desenvolvimento econômico. Um exemplo de como esse movimento está sendo impulsionado é o Nature Hub, lançado pela EY em 2023, que mapeia soluções viáveis e economicamente acessíveis, como a restauração florestal e a agricultura regenerativa. Essas soluções oferecem benefícios tangíveis e, frequentemente, a custos mais baixos do que as alternativas tecnológicas tradicionais, contribuindo para a descarbonização e para o aumento da competitividade econômica.

Além disso, iniciativas locais como aquelas desenvolvidas por comunidades na Amazônia, que utilizam tecnologias de baixo impacto para gerar energia e renda sustentável, exemplificam o grande potencial de escalabilidade dessas soluções baseadas na natureza. O Nature Hub não só promove práticas de conservação, mas também integra o desenvolvimento econômico ao promover o que antes era visto como um custo: o capital natural.



O conceito de capital natural oferece uma oportunidade única para empresas”

RICARDO ASSUMPCÃO

SÓCIO, LÍDER DE SUSTENTABILIDADE E ESG PARA A AMÉRICA LATINA E DIRETOR DE SUSTENTABILIDADE DA EY

Com foco na integração entre clima, biodiversidade e sociedade, o Nature Hub aborda desafios como os riscos na cadeia de suprimentos, as regulamentações ambientais e o combate ao desmatamento. Ele também utiliza instrumentos financeiros inovadores para viabilizar o desenvolvimento sustentável, criando valor por meio de biomas e biodiversidade. O hub se destaca ao conectar clientes, mercados de capitais e ciência, proporcionando uma visão abrangente e colaborativa sobre os impactos das ações corporativas e incluindo o conhecimento de comunidades tradicionais.

COP16

Durante a COP16 de Biodiversidade que aconteceu em Cali, Colômbia em outubro, o EY Nature Hub promoveu um painel no Sixth Science Policy Forum for Biodiversity, junto ao Secretariado da Convenção de Biodiversidade, dentre outros parceiros como o Smithsonian Institution, International Union of Biological Sciences e Alexander von Humboldt Institute. O painel “Avançando além da divulgação para acelerar ações e investimentos em prol da natureza” destacou os benefícios estratégicos e financeiros de integrar a biodiversidade nas operações empresariais. O Science-Policy Forum destacou em suas conclusões, a necessidade crítica de integrar a ciência na incorporação da biodiversidade em diversos setores, por meio de plataformas inovadoras, como o EY Nature Hub. Essas colaborações promovem

transparência, compartilhamento de conhecimento e acesso a dados, ferramentas e recursos relacionados à biodiversidade, possibilitando decisões baseadas na ciência, monitoramento aprimorado e soluções escaláveis alinhadas ao Marco Global de Biodiversidade Kunming-Montreal.

O EY Nature Hub explora de forma inovadora a interseção entre clima e biodiversidade, destacando seus riscos interconectados e a necessidade de estratégias ambientais integradas. Em todos os setores, a colaboração interdisciplinar, o engajamento das partes interessadas e abordagens centradas na natureza são consideradas essenciais para acelerar ações e investimentos em soluções para biodiversidade e clima, enfrentando desafios como emissões, incentivos sistêmicos e a aplicação prática da gestão de riscos relacionados à biodiversidade. Localizado em São Paulo e com um espaço físico em Belém, no Pará – estado que sediará a COP30 em 2025 –, o Nature Hub está estrategicamente posicionado para impulsionar soluções sustentáveis em toda a América Latina, conectando as práticas locais às demandas globais e mostrando o papel da natureza na economia sustentável do futuro. O impacto desse tipo de iniciativa vai além da mitigação de riscos ambientais, oferecendo uma oportunidade real para as empresas alinharem suas estratégias à crescente demanda por práticas sustentáveis e, ao mesmo tempo, obterem retorno financeiro através de soluções inovadoras e ecológicas.



Expediente

EY Brasil

Nossos líderes em Sustentabilidade:



Ricardo Assumpção, líder de Sustentabilidade e ESG para a América Latina e diretor de Sustentabilidade da EY



Elanne Almeida, sócia da EY e especialista em sustentabilidade



Érica Perin, sócia de Impostos



Leonardo Dutra, sócio de Auditoria



Marcelo Andrade, sócio da EY-Parthenon



Miguel Leão, sócio de Consultoria



Rafael Schur, sócio-líder de FSO

Aprovação

Ricardo Assumpção
Ione Anderson

Planejamento e Coordenação

João Paulo Rosa

Gestão do Projeto

Wallace Faria
João Paulo Rosa

Jabuticaba Conteúdo

Projeto editorial e edição de textos

Maria Tereza Gomes

Projeto gráfico e diagramação

Klaus Bernhoeft
Luiz Felipe Oliveira

Textos

Maria Tereza Gomes
Danilo Sanches

Gestão de projeto

Gabriela Serra

EY | Building a better working world

A EY está construindo um mundo de negócios melhor ao criar novo valor para clientes, pessoas, sociedade e o planeta, enquanto constrói confiança nos mercados de capitais.

Capacitados por dados, IA e tecnologia avançada, as equipes da EY ajudam os clientes a moldar o futuro com confiança e a desenvolver respostas para as questões mais urgentes de hoje e de amanhã.

As equipes da EY trabalham em um espectro completo de serviços em auditoria, consultoria, impostos, estratégia e transações. Impulsionadas por insights setoriais, uma rede globalmente conectada, multidisciplinar e parceiros de ecossistema diversificados, as equipes da EY podem fornecer serviços em mais de 150 países e territórios.

All in to shape the future with confidence.

EY se refere à organização global e pode se referir a uma ou mais afiliadas da Ernst & Young Global Limited, cada uma delas uma pessoa jurídica independente. A Ernst & Young Global Limited, companhia britânica limitada por garantia, não presta serviços a clientes. Informações sobre como a EY coleta e utiliza dados pessoais, bem como uma descrição dos direitos individuais de acordo com a legislação de proteção de dados, estão disponíveis em ey.com/privacy. As afiliadas da EY não exercem o direito se essa prática for proibida pelas leis locais. Para mais informações sobre a nossa organização, visite ey.com.br.

Este comunicado foi emitido pela EYGM Limited, integrante da organização global da EY que também não presta serviços a clientes.

©2025 EYGM Limited.
Todos os direitos reservados.

ey.com.br

Facebook | EYBrasil
Instagram | eybrasil
LinkedIn | EY
YouTube | EYBrasil